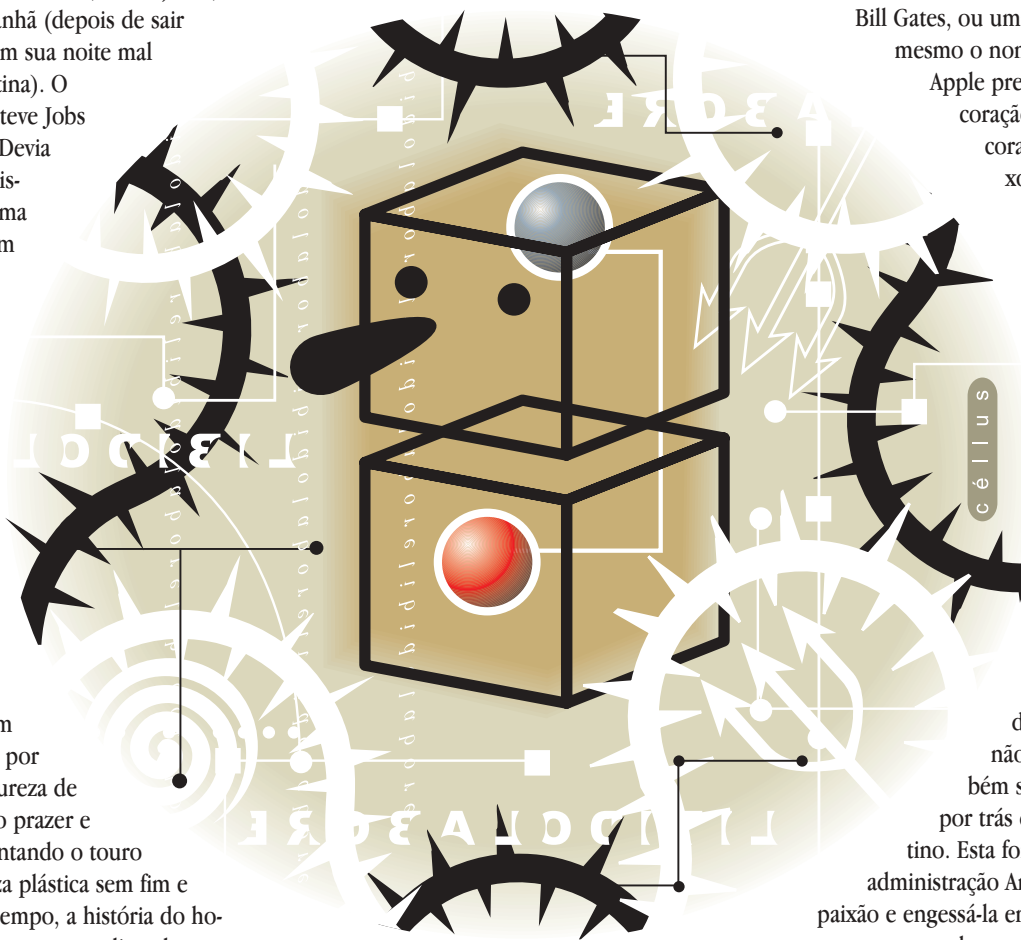




# Mac é outra coisa

**N**ew York, Javits Center, 19 de julho, 9 horas da manhã (depois de sair do avião, com sua noite mal dormida, às 5 da manhã). O Keynote Speech de Steve Jobs (*speech* = discurso. Devia ser show; Jobs não discursa, mas executa uma *stage performance* em que previsivelmente apresenta coisas imprevisíveis) começa quase na hora certa, com o comercial “Here’s to the crazy ones” no telão. Lá vem a imagem de Einstein. Confesso que meus olhos se encheram de lágrimas. Era o elogio do belo, do criativo, do não-convencional sem ser gratuito, mas sim por conta da própria natureza de cada um. O elogio do prazer e da paixão. Picasso pintando o touro no ar é de uma beleza plástica sem fim e resume, no eixo do tempo, a história do homem na medida em que pouco dista de uma pintura rupestre. Mostra o tanto e o tão pouco que progredimos. Bem, disfarço pra ninguém notar, e lá vem o Jobs. O de sempre, sempre genial. A performance é a previsível. Nada (tecnicamente) dá errado – nenhuma “blue screen of death”, como na famosa *presentation* de Gates. Então, quase ao final, após apresentar o indescritível Cubo, fala da satisfação em fazer parte da equipe da Apple. Do empenho, da *paixão* (é, chegamos onde queríamos), do amor daquela gente. Pede que todos os presentes que sejam da Apple se levantem, e que se levantem no satélite (referindo-se à central de transmissão), em Cupertino, em todos os locais, e que a platéia aplauda aquela gente. Acabado o aplauso, Jobs tenta falar e a voz sai baixa, embargada pela emoção. Uma segunda tentativa vem baixa. Abaixa a cabeça, limpa o nariz. A lágrima escorreu. Se recompõe e recomeça. Em janeiro, Wozniak, o outro Steve, cho-



rou na platéia quando Jobs retirou o “i” do seu título de iCEO, assumindo formalmente o comando da Apple.

Mas, qual é o ponto? São dois. O primeiro é que, por mais que a Apple seja um negócio, uma empresa bilionária, ela é o fruto da paixão do homem. De um, de dois, de muitos – Salve Jonathan Ive! Salve Ave Tevanian! Salve Jon Rubinstein! Salve o trabalhador anônimo! Sem esta paixão ela naufraga, como estava naufragando, como definham os amantes sem o

Por mais que a Apple seja um negócio, uma empresa bilionária, ela é fruto da paixão do homem

amor. É fácil imaginar uma Microsoft sem Bill Gates, ou uma Intel sem... (como é mesmo o nome dele agora?). Mas a Apple precisa, para viver, um coração e mente, muitos corações e mentes, apaixonados e amantes. Do novo, do belo, do desafio, da revolução. Jobs, com certeza, mas muitos outros além dele, para os quais ele pediu o aplauso. “The crazy ones”. Mal traduzindo, os loucos. O comercial é a maior peça de auto-elogio jamais publicada na imprensa. Os loucos, os *gauchos*, de que o anúncio fala não são os da tela (também são), mas os que estão por trás do balcão, em Cupertino. Esta foi a grande falha da administração Amelio. Tentar calar a paixão e engessá-la em um “terno” simbólico, como os que ele usava.

O outro ponto é que a Apple novamente (e desde o princípio) aponta para o que deve ser um computador. Tecnologia invisível. Não importa o *geek stuff* – deixe-o para nós, geeks, a meia dúzia que se diverte com e consegue ler as páginas da MacPRO (se você não sabe o que é *geek*, sorte sua, continue a leitura sem se preocupar, nós é que devemos nos preocupar pra você). O computador tem que ser mais bonito do que complicado. Mais um prazer do que um trabalho para usar. Mais um meio do que um fim. E Jobs, a Apple, aquela gente, mostram com clareza cada vez maior este caminho. **M**

**MARIO JORGE PASSOS**

mj@passos.net

É consultor de informática e homem de uma mulher só (de cada vez).

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.